

NOTTA
EDITORIAL
NOTTA DOO EDITTOR
EDITOR'S NOTE

Luis Correa Aydo

Diretor da Revista *Intercambio Psicoanalítico*¹

1 Traducción al portugués de Sthefani Techera.

Com a chegada do final do ano de 2023, lançamos o segundo número do volume XIV de ***Intercambio Psicoanalítico***. A revista foi publicada após o XII Congresso da Federação que ocorreu em Santiago, Chile, entre os dias 13 e 15 de outubro passados. Aqueles que puderam participar viveram isso com intensidade especial, retomando a presença física após a pandemia, atentos a um programa variado sobre as *transformações nestes tempos de desmesura*. Justamente à medida que o tema evoca incertezas e ameaças, tornou-se mais relevante a oportunidade do encontro fraterno. Os congressos da FLAPPSIP não apenas estimulam a produção teórica e a troca de experiências clínicas, mas também serve como um ponto de encontro entre diferentes associações, mantendo a fluidez das relações pessoais e federativas. Em última instância, a institucionalidade da Federação é uma expressão concreta de uma rede de relações profissionais e humanas, cuja realidade se manifesta nos congressos e que buscamos prolongar e manter também através de *Intercambio Psicoanalítico*.

Conforme previsto durante os congressos da Federação, realizou-se a Assembleia de Delegados, que, entre outros assuntos, deveria eleger as novas autoridades. A presidência durante o período de 2023 a 2025 será exercida pela colega do Peru, Sara Oxenstein, membro da ADPP. O Comitê Editorial da revista saúda a nova Presidenta e se coloca à disposição para continuar o trabalho conjunto no papel que cabe às publicações. Agradecemos também o apoio oferecido pela Diretoria anterior, presidida por Marcela Ramírez, que impulsionou e sustentou decididamente o trabalho desta revista.

Agora, vamos nos deter em uma breve introdução ao conteúdo desta edição. Na seção de *Artigos Científicos*, há sete trabalhos que abrangem uma ampla gama de temas de preocupação para os psicanalistas e psicoterapeutas latino-americanos, especialmente em relação ao impacto dos processos de tensão social e política na região, afetando nossos povos. Os três primeiros trabalhos desta seção abordam questões da psicanálise contemporânea em aspectos institucionais e clínicos muito relevantes.

M. Viñas reflete sobre a ética na transmissão do corpus teórico-clínico da disciplina, convidando a uma atitude de revisão crítica contínua das práticas institucionais, sempre cercadas pelo risco de replicar modelos de poder contraditórios ao potencial liberador da psicanálise.

M. Fucks propõe um jogo de palavras entre os termos “des-ilusão”, como processo ativo de reflexão sobre os alcances de uma psicanálise situada historicamente, e “desilusão” como produto de expectativas infantis inalcançáveis.

Da mesma forma, o trabalho de C. Braz Padrão realiza uma análise abrangente dos novos desafios que a psicanálise tem assumido, ampliando a nosografia freudiana e ampliando o campo de sua indicação clínica. Isso implica uma revisão dos vínculos terapêuticos, processo que a autora associa à necessidade de considerar a *terceiridade* como conceito articulador de relações clínicas mais adequadas à demanda atual.

Os quatro trabalhos que completam a seção estão imersos na problemática clínica, embora com ênfases diferentes em cada um.

O artigo de C. Levin apresenta um caso permeado pela problemática urgente da violência intrafamiliar. O contexto da pandemia que envolve a história é abordado nas duas incidências que teve, tanto pelo agravamento dos vínculos patológicos quanto pelo desafio que representou o trabalho terapêutico à distância, especialmente em casos tão sensíveis. A contribuição de R. Tagliabue retoma um clássico da clínica infantil: a chegada do irmão. Seu foco, além de expor teorias anteriores sobre o tema, aponta com originalidade para o conceito de alteridade e sua conexão com a ativação da pulsão epistemofílica.

O artigo de C. Baeza e J. Black aborda o espinhoso tema do autismo; um assunto difícil devido aos desafios teóricos, clínicos e sociais que apresenta. A promulgação de uma lei regulatória no Chile que busca proteger a inclusão, atenção integral e os direitos das pessoas com esse diagnóstico proporciona uma oportunidade para refletir sobre o impacto na realidade - neste caso jurídica - que pode resultar da divulgação pública de questões de saúde mental. As autoras também questionam o efeito recursivo da lei, ou seja, como as mudanças legais e as novas condições de convivência social que se procuram consagrar impactam a subjetividade das pessoas com autismo.

Fechando esta seção de *Artigos Científicos*, temos a contribuição de L. Soria, que, a propósito do quadro psicoterapêutico, discute o conceito de “tocar” em suas diferentes acepções, desde o contato físico concreto até seu sentido metafórico, ou seja, como afetação emocional.

Nas já habituais seções de *Direção de Pesquisas* e de *Entrevistas*, o leitor encontrará propostas muito enriquecedoras.

No caso das pesquisas, são apresentados os avanços das três linhas de trabalho em desenvolvimento no âmbito da FLAPPSIP: Psicossomática, Psicanálise e literatura infantil e adolescente, e Assexualidades. Como mencionado na introdução geral aos três artigos, além da produção de novos conhecimentos e da proposta de hipóteses inovadoras, esses espaços de trabalho coletivo são uma poderosa ferramenta de interconexão entre as Associações. Além disso, como as antigas fotografias que, durante o processo de revelação, mostravam aos poucos a imagem capturada, os avanços da pesquisa também vão revelando, aos poucos, alguns perfis característicos de nossa região, como uma matriz subjetivante.

Quanto às entrevistas, também temos uma entrega tripla e, neste caso, compartilham diálogos com os palestrantes principais convidados para o XII Congresso da FLAPPSIP: Franco Berardi, Alicia Stolkiner e Marcelo Viñar. Três visões diferentes e, de certa forma, complementares, sobre os desafios do momento. Os três autores, com trajetórias destacadas por suas contribuições ao exame crítico de nossa época, oferecem um mosaico de perspectivas sobre o funcionamento da nossa sociedade, o passar do tempo nas diferentes fases da vida, as diferentes atitudes em relação aos vínculos interpessoais, que vão desde a submissão à hospi

talidade e, enfim, um conjunto de reflexões que desenham horizontes por vezes sombrios e por vezes capazes de recuperar certa esperança no futuro. No entanto, essa possibilidade de saída será possível na medida em que certos valores hoje deslocados por um narcisismo tanático, individualista e globalizado possam ser reconstruídos em torno de “pequenas comunidades autossuficientes e frugais, que se des-territorializam” (Berardi). Ou dito em nossa linguagem teórica, na medida em que surgirem novas matrizes de subjetivação que não se limitem a reproduzir o individualismo autossuficiente que hoje preside as políticas neocoloniais e extrativistas que tendem a perpetuar a desigualdade e a injustiça. Participar dessa construção parece ser nossa modesta, mas necessária, contribuição como psicanalistas latino-americanos.

Como um eco das ideias consideradas pelos entrevistados, a seção de *Resenhas de Livros* oferece três propostas muito diferentes e, no entanto, igualmente úteis para pensar criticamente nossa realidade. Em primeiro lugar, L. Coronel analisa um artigo de vários autores publicado pela revista *Calibán*, sobre o negacionismo. Não deveria surpreender, após mais de um século de psicanálise, que existam leituras da realidade contrárias aos dados da racionalidade e da evidência. No entanto, dada a dimensão que o fenômeno adquiriu nas redes sociais e nos meios de comunicação de massa, os riscos de alienação individual e coletiva que surgem tornam necessário revisar o conceito de neutralidade, se os psicanalistas não querem ser meros espectadores do assalto às capacidades perceptivas e argumentativas do ser humano contemporâneo.

Por sua vez, M. E. Centeleghe oferece um resumo abrangente de um livro de A. Tagle que revisita, com perspectiva atual e de maneira muito abrangente, as contribuições teóricas de Winnicott. Entre outros aspectos, a autora da resenha valoriza a teorização sobre a agressão como uma realidade constitutiva do ser humano e as sugestões para seu manejo na clínica, especialmente com crianças e adolescentes, quando na cultura atual as figuras de contenção e suporte costumam estar ausentes ou enfraquecidas.

Comentando um texto muito diferente dos anteriores, mas igualmente aberto, a terceira resenha de R. Allegue recupera o valor da dimensão coletiva e do esforço compartilhado na criação de uma institucionalidade psicanalítica que não esteja a serviço da suplementação narcisista e da mera validação social, mas sim como um ambiente de mútuo apoio e aprendizado criativo. O livro comentado, uma retrospectiva coletiva dos quarenta anos da AUDEPP, convida a pensar na mútua implicação da Psicanálise e da História, esforço semelhante ao que, em outra extensão, anima e conduz a marcha da própria FLAPPSIP.

Como dissemos no início desta nota editorial, a revista pretende ser uma ferramenta de diálogo e aprendizado coletivo, contribuindo para a construção de uma psicanálise com ênfase latino-americana. Esperamos ter conseguido, desta vez, contribuir para esse objetivo.